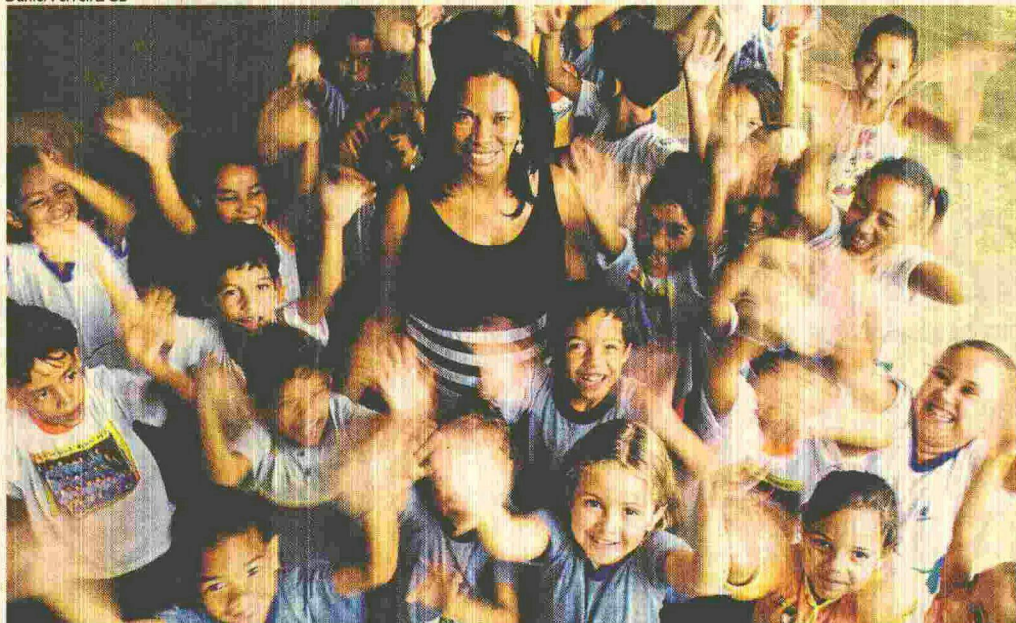


Há 17 anos a professora da rede pública Ednalva Monteiro dedica-se ao ensino na Escola Classe 5 de Brazlândia. Para ela, não há maior satisfação do que ver uma criança progredir na alfabetização

LICÇÕES

de uma cidadã

Daniel Ferreira/CB



EDNALVA MONTEIRO E SEUS ALUNOS: 17 ANOS DANDO AULAS NA MESMA ESCOLA, A CLASSE 5 DE BRAZLÂNDIA

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Quando ela nasceu, o Hospital ainda se chamava Hospital Distrital. Tempos depois, virou Hospital de Base de Brasília (HBDF). O pai, um entregador de gás, e a mãe, uma dona-de-casa, vibraram. Até completar dois anos, a família morava na Vila Matias, em Taguatinga. Mas uma dia, a invasão foi removida. E todos foram para Brazlândia, um lugar a 60 km do Plano Piloto e que, na época, nem asfalto tinha. A água era de chafariz. E as roupas lavadas no rio, com o balde na cabeça.

Mas lá se foi a menininha, junto com os pais e os três irmãos. Era o começo de tudo. O início da vida de Ednalva Josefa do Carmo Monteiro, hoje com 37 anos, católica praticante, casada, professora primária e um barrigão de seis meses à espera do primeiro filho, que se chamará Arthur. Em Brazlândia, a menina cresceu. Brincou de salve latinha, bandeirinha e de ser professora. E um dia levou a brincadeira a sério. Tornou uma delas, como aquelas que lhe ensinaram as coisas. Estudou a vida toda em escola pública, cur-

sou o normal e formou-se em pedagogia na Universidade de Brasília (UnB).

Há 17 anos, dá aula no mesmo lugar, a Escola Classe 5. É apaixonada pela profissão. “No final do ano, ver a criança lendo, escrevendo o nome e contando histórias é algo emocionante”, reflete. Na sala de aula, os 28 alunos da 2ª etapa da tia Ednalva rasgam elogios à professora. Gritam por ela. Acalentam-na. Chamam-na de bonita. Ela sorri, tímida, como se fosse a primeira vez que entrasse naquela sala. E jura nunca abandonar a profissão que escolheu para chamar de sua: “Educação é para sempre. Mesmo com toda dificuldade que enfrentamos, é uma paixão. Me dá prazer”, constata a servidora pública, que integra o contingente de 28 mil professores na rede pública de ensino do DF.

Na escola onde dá aula faz quase duas décadas, o filho que carrega na barriga também estudará. “Já escolhi até a professora dele. Ela quer se aposentar, mas eu disse pra esperar mais um pouquinho”, brinca. Ednalva trabalha pela manhã e à tarde. À noite, em casa, fica imaginando como pode fazer a aula do dia seguinte mais agradável. Inventa teatrinhos, gincanas e passeios pela bucólica Brazlândia. Não contente, ainda arruma tempo para fazer pós-gradua-

ção em libras — linguagem de sinais dos surdos. “A inclusão é um direito da criança”, observa.

Nas horas de folga, Ednalva e o marido gostam de passear em Brasília. “Vamos ao teatro, ao cinema e aos shoppings, já que aqui não tem nada disso. Pelo menos uma vez por semana, estamos lá”, conta. Vontade de mudar da cidade onde mora desde criança? “Não, para criar filhos, aqui ainda é um paraíso, tem calma, tranquilidade. As crianças ainda brincam nas ruas.” E Brasília, que conceito a professora tem da capital onde nasceu? “Conheço outros lugares, mas não tem cidade mais bonita que ela. Brasília tem uma luz própria. Sou encantada por ela.”

É quase meio-dia. A aula está acabando. A professora, com sua enorme barriga, despede-se dos alunos. Eles sabem que, no dia seguinte, ela estará lá, na porta de entrada, à espera deles. A 60km da capital, a professora que nasceu bem no meio de Brasília, no antigo Hospital Distrital, reinventou a vida num lugar onde as pessoas ainda colocam a cadeira na porta da calçada para prostrar. Por falar nisso, o que é felicidade, diante de tanta calmaria? “É estar bem consigo mesmo e com os outros. É viver em harmonia”. A professora brasileira é sábia.

ONDE NASCEU:
Hospital Distrital
(Atual Hospital de Base)

ORIGEM FAMILIAR:
Pai baiano
e mãe goiana

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:
“Brincar nas ruas sem asfalto de Brazlândia e, no fim de semana, ir ao Plano Piloto, para ver a Esplanada”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:
Da Catedral.
“Transmite paz e foge do convencional das igrejas que a gente conhece em toda cidade.”